

DIÁLOGOS SOBRE A ESTRATÉGIA DE REDUÇÃO DE DANOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Dialogues on the strategy for harm reduction in the school context

Victória Maria Freitas Pedrosa- Universidade Federal do Ceará
Maria Vitória Silva Ripardo - Universidade Federal do Ceará
José Wellington Moraes Damaceno – Universidade Estadual Vale do Acaraú
Lorena Saraiva Viana - Universidade Estadual Vale do Acaraú
Claudine Carneiro Aguiar – Universidade Estadual do Ceará
Danyela dos Santos Lima – Universidade Estadual Vale do Acaraú

RESUMO: Este artigo aborda sobre educação sobre drogas nas escolas e objetiva relatar a experiência de oficinas sobre a estratégia de Redução de Danos voltadas a estudantes do 8º e 9º anos em duas escolas públicas de um município da região norte do Ceará. Tais oficinas foram desenvolvidas por profissionais do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, em parceria com a Célula de Política sobre Drogas e o Programa Saúde na Escola. Foram realizadas oito oficinas, com metodologias ativas e recursos lúdicos a fim de estimular o diálogo, a participação e a construção de vínculos. Os temas abordados incluíram: efeitos das substâncias psicoativas, princípios da estratégia de redução de danos e práticas de autocuidado em saúde mental. Os resultados apontaram para o fortalecimento da comunicação entre escola, estudantes e profissionais de saúde, maior abertura ao diálogo sobre drogas e reconhecimento da importância de práticas educativas não punitivas. Os desafios envolveram desde a resistência institucional à abordagem da redução de danos até limitações estruturais e culturais que ainda privilegiam discursos moralistas. Como potencialidade, destacou-se o envolvimento do corpo docente e a criação de espaços de escuta e cuidado. A experiência reforça a relevância da articulação entre saúde e educação, bem como da implementação de ações permanentes e intersetoriais que promovam o protagonismo juvenil, o respeito às diferenças e o cuidado integral à saúde dos escolares.

Palavras-chave: Educação Básica. Redução de Danos. Substância Psicoativa.

ABSTRACT: This article addresses drug education in schools and aims to report on the experience of workshops on Harm Reduction strategies aimed at 8th and 9th grade students in two public schools in a municipality in northern Ceará. These workshops were developed by professionals from the Multidisciplinary Residency Program in Mental Health, in partnership with the Drug Policy Unit and the School Health Program. Eight workshops were held, using active methodologies and playful resources to stimulate dialogue, participation, and relationship building. The topics covered included: the effects of psychoactive substances, principles of harm reduction strategies, and self-care practices in mental health. The results pointed to strengthened communication between schools

students, and health professionals, greater openness to dialogue about drugs, and recognition of the importance of non-punitive educational practices. The challenges ranged from institutional resistance to the harm reduction approach to structural and cultural limitations that still favor moralistic discourses. The involvement of the teaching staff and the creation of spaces for listening and care stood out as potential strengths. The experience reinforces the relevance of coordination between health and education, as well as the implementation of permanent and intersectoral actions that promote youth leadership, respect for differences, and comprehensive health care for schoolchildren.

Keywords: Basic Education. Harm Reduction. Psychoactive Substances.

1. INTRODUÇÃO

O uso de substâncias psicoativas (SPA's) acompanha a humanidade há séculos e, no Brasil, apresenta crescimento significativo, com repercussões na saúde, no campo social e no contexto educacional. Estudos apontam que o consumo abusivo constitui um desafio para as políticas públicas intersetoriais. Historicamente, programas de prevenção baseados na “pedagogia do amedrontamento” reforçaram concepções proibicionistas e violentas, centradas na abstinência e intimidação, que acabam afastando os estudantes de possíveis formas de apoio (Jenkins, 2017; Coelho, 2017; Figueiredo, 2017).

Em oposição ao modelo proibicionista da “guerra às drogas”, a estratégia de Redução de Danos (RD) surge como política de saúde pública aplicada também à educação. Baseada na compreensão de que as vulnerabilidades envolvem tanto aspectos individuais quanto coletivos, a RD rompe com a lógica da intimidação e abre espaço para ações de prevenção, promoção da saúde e reconhecimento das pessoas em uso abusivo de substâncias como cidadãos detentores de direitos a partir de suas singularidades (Coelho, 2021; Vearrier, 2018; Coelho; Santos; Silva, 2023).

Dessa forma, Vearrier (2018) aponta que o modelo proibicionista mostra-se insuficiente, pois, além de dificultar o acesso ao tratamento, potencializa as disparidades raciais e o aumento dos gastos públicos com equipamentos e recursos humanos destinados a extinguir as drogas da sociedade civil.

Por sua vez, as ações de prevenção nas escolas têm como foco a educação sobre drogas e a RD, pautadas nas discussões e informações a respeito dos riscos associados ao uso de SPA's, através de uma perspectiva pedagógica, utilizando-se de metodologias ativas e reflexivas. Nessa

lógica, em um contexto informativo, a educação sobre drogas nas escolas deve estimular o diálogo e a liberdade de expressão dos participantes. Além disso, a escola pode atentar-se aos riscos associados à saúde dos escolares, propondo caminhos mais próximos às vivências dos estudantes, acolhendo suas narrativas e histórias de vida ao invés de os pré-julgarem e os segregarem (Coelho, 2021).

Isto posto, este artigo propõe-se a relatar a experiência sobre realização de oficinas tendo como foco a estratégia de redução de danos no contexto escolar.

2. METODOLOGIA

O presente estudo, de abordagem qualitativa, descritiva e do tipo relato de experiência, apresenta oficinas sobre a estratégia de Redução de Danos (RD) no contexto escolar. O relato, entendido como articulação entre teoria e prática, foi desenvolvido no âmbito do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental (ESPVS), em parceria com a Célula de Política sobre Drogas (CPD) e o Programa Saúde na Escola (PSE), em duas escolas municipais do Ceará, entre março e maio de 2024.

O planejamento envolveu reuniões com gestores e orientadores para alinhar necessidades, cronogramas e estratégias, além de encontros prévios com professores para apresentar a proposta. As oficinas, voltadas a turmas do 8º e 9º ano, tiveram duração média de uma hora e totalizaram quatro momentos em cada escola, abordando: (1) apresentação e sondagem dos conhecimentos prévios sobre substâncias psicoativas (SPA's); (2) efeitos e contextos de uso, abuso e dependência; (3) introdução à RD como educação em saúde e direitos humanos, contrapondo a lógica proibicionista; e (4) práticas de autocuidado em saúde mental.

A escolha do formato de oficina buscou priorizar a interação, a construção coletiva do conhecimento e a superação da hierarquização do saber (Kroeff et al, 2006; Araldi et al, 2016; Figueirêdo, 2006). Para tanto, foram utilizadas metodologias ativas e recursos lúdicos, como roleta temática, jogo de cartas, mural interativo e dinâmicas de grupo, favorecendo participação, criatividade e reflexão crítica sobre o tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão, apresentaremos os resultados a partir de duas categorias de conhecimento: *Oficinas no âmbito da redução de danos no contexto escolar*; e *Desafios e Potencialidades da Educação sobre Drogas nas escolas*.

3.1 Oficinas no âmbito da redução de danos no contexto escolar

A primeira oficina foi realizada com o corpo docente e evidenciou a relevância de capacitar os professores sobre a temática das drogas, permitindo-lhes apoiar ações educativas e difundir a perspectiva da redução de danos no ambiente escolar. Diante de um tema ainda marcado por tabus e preconceitos, o diálogo proporcionado mostrou-se inovador e essencial para sensibilizar os educadores no atendimento a alunos usuários ou não de substâncias psicoativas. Além da discussão de conceitos, a atividade contemplou o planejamento de estratégias de acolhimento e a articulação com a rede intersetorial de cuidado, favorecendo a construção de projetos terapêuticos mais efetivos.

Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) esclarecem que a temática das drogas deve ser tratada como tema transversal em todas as áreas do currículo, compreendendo seu uso como um fenômeno complexo. Nesse sentido, apontam a ineficácia da política de “guerra às drogas” e destacam o papel da escola e dos professores como agentes fundamentais na educação contextualizada e crítica voltada à prevenção. Após esse alinhamento junto ao núcleo gestor e docente, foi pactuado um cronograma conforme o quadro 01 a seguir.

Quadro 1: Cronograma de realização das oficinas, Sobral-Ceará.

Cronograma de Oficinas no contexto escolar			
1ª Oficina	2ª Oficina	3ª Oficina	4ª Oficina
Acolhimento e sondagem prévia de conhecimentos sobre substâncias psicoativas;	Conceitos de Substâncias Psicoativas e seus efeitos;	Estratégias de Redução de Danos Educação sobre Drogas;	Autocuidado Em Saúde Mental, Questões Psicossociais, Avaliação E Encerramento Das Ações.

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

3.1.1 Primeiro encontro

A partir dos procedimentos adotados, inicialmente destaca-se a necessidade de construção de vínculo e criação de um espaço acolhedor e que permita a livre expressão dos discentes, tendo em vista que o tema proposto ainda é majoritariamente tratado por um viés proibicionista e amedrontador (Figueiredo, 2017; Vearrier e Bioethics, 2018).

Após apresentação dos residentes, então mediadores dos encontros, houve uma breve explanação sobre o objetivo das oficinas. Em seguida, foi proposta a “dinâmica do crachá” na qual os facilitadores organizaram a turma em duplas e deram dez minutos para os participantes conversarem e trocarem informações um com o outro. Após esse período, de forma individual, os participantes responderam às perguntas no material impresso (crachá), tais como: 1. Nome do participante; 2. Música preferida; 3. Lugar preferido; 4. Atividade preferida; 5. Comida preferida. Após esse momento, cada participante apresenta o crachá realizado para o colega com quem conversou.

Ao final, foi aplicado um instrumento de diagnóstico inicial, formulado pelos autores, que continha os seguintes questionamentos: idade; o que você entende sobre drogas? Já teve contato ou já fez uso de algum tipo de droga? Se sim, qual tipo? (p.ex.: álcool, cigarro, cigarro eletrônico, maconha, cocaína, crack ou outros tipos); O contato foi através de quem? qual a frequência do uso? (p.ex. entre 1 e 2 vezes na semana, entre 3 e 4 vezes na semana ou 5 ou mais vezes na semana).

No primeiro encontro, observou-se o nível de conhecimento e envolvimento dos alunos com a temática, o que orientou a condução dos encontros seguintes. A turma do 9º ano mostrou maior interesse e curiosidade, embora também expressasse receio quanto à exposição de sua participação ou de experiências prévias com substâncias. Essa postura relaciona-se às características da adolescência, marcada por descobertas, conflitos identitários e busca de pertencimento, fatores que podem aumentar a vulnerabilidade ao uso de SPA's.

Notou-se também diferenças entre as turmas: enquanto o 8º ano foi escolhido de forma fechada pela escola, sem critério específico ligado ao contato com drogas, o 9º ano reuniu alunos de diferentes turmas, já reconhecidos pela instituição como mais aptos a se beneficiar das oficinas. Além disso, percebeu-se que os alunos que estavam no 9º ano compreenderam melhor a temática abordada, nesse caso, estratégias de redução de danos.

A literatura discorre que adolescentes do 9º ano (geralmente entre 14 e 15 anos) podem compreender melhor a estratégia de redução de danos em comparação com estudantes mais jovens devido a fatores relacionados ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social, bem como ao contexto educacional e às características da estratégia em si. Ademais, estão expostos a informações por meio de redes sociais, campanhas de saúde pública e discussões com pares (UNESCO, 2018).

3.1.2 Segundo encontro

No segundo encontro, houve uma explicação sobre os pontos abordados no jogo a ser realizado. Assim, com a turma dividida em duas equipes, foi utilizada uma roleta temática com as seguintes questões: O que são substâncias psicoativas? O que caracteriza o uso abusivo das substâncias psicoativas? Quais os serviços existentes em Sobral que prestam cuidado às pessoas em abusivo uso de substâncias psicoativas? Cite dois tipos de drogas lícitas; cite dois tipos de drogas ilícitas; como ajudar uma pessoa que faz uso abusivo de substâncias psicoativas?

Entretanto, inicialmente foi levantada a seguinte questão: o que são drogas? Ambas as escolas responderam a partir de exemplos de substâncias ou de uma visão negativa sobre o uso, alertando para seus prejuízos. Nesse sentido, é comum encontrar entre os adolescentes representações sociais negativas sobre o uso das drogas que, por sua vez, variam conforme o tipo de droga e uso anterior (Corrêa et al. 2020; Adade e Monteiro, 2014). Outrossim, as drogas lícitas são vistas com menos pesar em relação às drogas ilícitas. O álcool e o cigarro, por exemplo, não são imediatamente associados ao termo drogas (Corrêa *et al.* 2020). Nesse sentido, a educação sobre drogas pela perspectiva da RD objetiva ampliar o entendimento e criticidade dos jovens sobre o tema com vistas à autonomia (Adade e Monteiro, 2014).

3.1.3 Terceiro Encontro

No terceiro encontro, buscou-se aprofundar a temática da Redução de Danos de forma leve e interativa por meio do jogo “Jogatina da RD”, inspirado no UNO. As cartas apresentavam informações sobre substâncias psicoativas, a exemplo de nome, tipo (lícita ou ilícita), formas mais adequadas de uso, riscos e estratégias de menor dano, o que estimulou reflexões críticas, combateu preconceitos e garantiu ampla participação dos alunos. Conforme Coelho, Santos e Silva (2023), a RD propõe deslocar o foco da abstinência como única solução para uma abordagem voltada à minimização de riscos, promoção da autonomia e cidadania, reconhecendo a complexidade do uso de drogas e a importância de estratégias educativas baseadas no diálogo e no pensamento crítico.

Durante a oficina, os alunos se organizaram em grupos e participaram ativamente das rodadas da jogatina da RD, onde, ao jogarem uma carta, deveriam ler, fazer uma breve reflexão e dialogar sobre o conteúdo apresentado. A mediação dos residentes foi essencial para ampliar as reflexões e contextualizar as falas dos alunos com base em evidências, sempre evitando julgamentos morais e incentivando uma escuta ativa e respeitosa entre os pares.

Essa metodologia de ensino-aprendizagem permitiu abordar, de forma interativa, as principais noções da estratégia de RD, como o respeito à autonomia dos sujeitos, o direito à informação, o cuidado de uma forma não punitiva e o reconhecimento das diferentes realidades vivenciadas pelos adolescentes. De acordo com Jenkins *et al.* (2017), jovens tendem a adotar estratégias informais de diminuição dos danos no uso de substâncias, mas constantemente precisam de informações confiáveis e acessíveis, papel que a escola, mediada por profissionais de saúde, pode cumprir com eficácia.

Um ponto relevante da oficina foi a reflexão dos adolescentes sobre a distinção entre “drogas boas” e “drogas ruins”. Como destaca Corrêa *et al.* (2020), os jovens tendem a associar maior risco às drogas ilícitas, minimizando os perigos do uso abusivo de substâncias lícitas, como álcool e cigarro. O jogo de cartas, ao incluir também essas substâncias, ampliou a compreensão sobre o conceito de droga, seus contextos e formas de cuidado. Assim, a Jogatina da Redução de Danos mostrou-se uma ferramenta pedagógica transformadora, unindo ludicidade e conhecimento técnico, favorecendo o diálogo aberto, a construção coletiva e a autonomia dos estudantes, em consonância com os princípios da redução de danos.

3.1.4 Quarto Encontro

O quarto e último encontro das oficinas focou na promoção do autocuidado em saúde mental, considerando os diversos fatores psicossociais que afetam os adolescentes e foi planejada para ser um momento mais leve, acolhedor e lúdico, oferecendo aos participantes um espaço para expressar emoções, sentir bem-estar e refletir coletivamente sobre a jornada das oficinas.

A primeira atividade, o “Mural do Autocuidado”, convidou os estudantes a registrar livremente, em tarjetas coloridas, práticas que lhes proporcionam prazer e relaxamento. As contribuições foram variadas, desde atividades sociais como "brincar com amigos" e "ficar com a família" até práticas individuais como "banho de rio", "ouvir música" e "andar de bicicleta". Essa atividade corrobora a visão de Baroni e da Silva (2022), que enfatizam o autocuidado

como uma prática subjetiva, moldada pelas experiências e contextos individuais. Proporcionar esse espaço de reflexão sobre o que faz bem é uma estratégia poderosa para fortalecer laços e promover a saúde mental no ambiente escolar.

Em seguida, a dinâmica “Adivinhe a música” trouxe momentos de descontração e conexões afetivas entre os alunos. Ao identificar a música através das melodias iniciais, estes cantaram, sendo afetados pela alegria do momento, o que fez com que os participantes se engajassem ainda mais na atividade. A música, como linguagem universal, é uma ferramenta valiosa no cuidado em saúde, contribuindo para a regulação emocional, estímulo da memória e integração social, conforme evidenciado por estudos sobre promoção da saúde escolar, como os de Gustavson e Lazzarotto (2021) e Soares e dos Santos (2021).

Após a atividade musical, foi conduzida uma vivência de Dança Circular, reconhecida pelo SUS como parte das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). Essa prática fomenta a coletividade, a atenção plena e a conexão corpo-mente, sendo particularmente benéfica para o cuidado em saúde mental. Oliveira *et al.* (2022) destacam que a Dança Circular promove sentimentos de pertencimento, empatia e autopercepção, além de reduzir o estresse e a ansiedade em adolescentes. Nesse contexto, a dança transcende a atividade física, tornando-se uma experiência de cuidado compartilhado, acessível e repleta de significados.

Para o encerramento, pensando numa transição de euforia para a volta a calma, uma das residentes mediou um momento de respiração consciente. Os alunos foram convidados a fechar os olhos e focar na respiração. Essa prática, fundamentada nos princípios de Kabat-Zinn (2017), busca estimular a autorregulação emocional e a consciência corporal. No ambiente escolar, a meditação e o *mindfulness* são associados à melhora da concentração, redução do estresse e aumento do bem-estar subjetivo, como apontado por Barros *et al.* (2023).

O último encontro ocorreu em formato de roda de conversa avaliativa, na qual os estudantes compartilharam aprendizados, preferências e sugestões sobre as oficinas. As falas, espontâneas e afetuosas, destacaram o acolhimento e a possibilidade de discutir o uso de SPA's sem julgamentos, evidenciando o diálogo como ferramenta de cuidado e construção coletiva. Assim, a quarta oficina consolidou a proposta educativa da redução de danos, ampliando-a para a promoção da saúde integral. As práticas de autocuidado, simples e acessíveis, mostraram-se transformadoras, reafirmando a importância de integrar o cuidado em saúde mental ao cotidiano escolar de forma colaborativa e criativa.

3.2 Os caminhos que andei: desafios e potencialidades da educação sobre drogas nas escolas

Entre os principais desafios identificados está a necessidade de inserir a temática das drogas de forma contínua no projeto pedagógico da escola. Soma-se a isso a influência da cultura proibicionista ainda presente na comunidade escolar, refletida em comentários e atitudes moralizantes em relação a adolescentes que já fizeram uso de substâncias. Esse cenário reflete a realidade nacional, marcada pela escassez de iniciativas pautadas na redução de danos e pela predominância de abordagens proibicionistas, como o PROERD, que, embora difundido em todo o país, apresenta eficácia limitada e tende a reforçar estigmas e preconceitos (Sodelli, 2020).

Nesta lógica, compreende-se que a perspectiva proibicionista nas escolas em que foram desenvolvidas as oficinas vai ao encontro do que é discutido na literatura. Desta forma, adota-se medidas e posturas que incluem a violação de princípios fundamentais de respeito à liberdade individual; a adoção de uma perspectiva moralista e estigmatizante em relação aos usuários de substâncias psicoativas; e a promoção da abstinência total como única solução viável. No âmbito educacional, essa abordagem recorre ao método do amedrontamento, fundamentando-se na premissa de que inculcar medo nos estudantes quanto ao uso de drogas os tornaria mais propensos a adotar comportamentos de promoção à saúde (Sodelli, 2020).

Além disso, a ambiência mostrou-se decisiva para o sucesso das oficinas, já que espaços amplos, ventilados, iluminados e com boa acústica favoreceram a integração e o engajamento dos alunos, enquanto locais inadequados reduziram a atenção e a eficácia das atividades. Nesse contexto, Knevitz, Béria e Schermann (2018) ressaltam que a precariedade estrutural das escolas públicas compromete a implementação de ações preventivas e educativas, sobretudo aquelas voltadas à promoção da saúde e à prevenção do uso de drogas. Assim, o ambiente escolar revela-se um fator ativo, capaz de potencializar ou dificultar as práticas pedagógicas e preventivas.

Destaca-se como uma potencialidade, o apoio do núcleo gestor das escolas para realização das oficinas através das articulações junto aos coordenadores e professores. Desta forma, as práticas de educação em saúde no contexto escolar vêm sendo amplamente adotadas como uma estratégia para melhorar a qualidade de vida dos estudantes, destacando-se como prioridade nas políticas e programas estatais direcionados também a grupos em vulnerabilidade

social, promovendo o acesso universal à saúde e à educação por meio de uma rede de atendimento gratuita. Nesse contexto, a escola, enquanto participante desses programas, torna-se cada vez mais envolvida com as questões sociais, sendo chamada a contribuir para o bem-estar da comunidade (Baroni e da Silva, 2022).

Compreende-se, então, que o trabalho desenvolvido entre saúde e educação é crucial, pois a escola é um ambiente estratégico para promover a saúde de crianças e jovens. Tal articulação fortalece hábitos saudáveis, incentiva a participação comunitária e aumenta o impacto das intervenções, considerando as necessidades dos escolares. Além disso, promove uma gestão participativa que empodera a comunidade escolar na construção de uma saúde mais equitativa e integral, em suas diversas interfaces (Da Silva *et al.*, 2025).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada reafirma a relevância da estratégia de Redução de Danos no espaço escolar como alternativa ao modelo proibicionista de enfrentamento às drogas. As oficinas demonstraram que é possível promover um ambiente educativo pautado na escuta ativa, no respeito às diferenças e na construção de saberes de forma participativa e contextualizada. Ao valorizar o diálogo e metodologias criativas, foi possível ampliar a compreensão dos adolescentes sobre o tema, fortalecer vínculos e estimular práticas de autocuidado em saúde mental.

Entre os desafios, ressalta-se a necessidade de incorporar a educação sobre drogas e a perspectiva da RD como prática permanente no projeto pedagógico das escolas, rompendo com posturas moralistas e estigmatizantes. Além disso, a adequação da infraestrutura escolar e a formação continuada de professores são aspectos essenciais para a consolidação dessas ações.

Conclui-se que a integração entre saúde e educação é fundamental para enfrentar questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas no ambiente escolar. A escola, como espaço privilegiado de socialização, pode tornar-se um território de cuidado, diálogo e promoção de cidadania, contribuindo para a construção de uma cultura de prevenção e saúde integral. Dessa forma, experiências como a relatada oferecem subsídios teóricos e práticos para a ampliação de políticas públicas voltadas à juventude e ao fortalecimento da rede intersetorial de apoio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000009>.

ARALDI, E.; PICCOLI, L.; DIEHL, R.; TSCHIEDEL, R. Oficinas, TIC e saúde mental: um roteiro comentado. In: PALOMBINI, A.; MARASCHIN, C.; MOCHEN, S. (org.). *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARONI, J. G.; SILVA, C. C. B. da. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. Esp. 3, p. 103-115, nov. 2022. DOI: 10.1590/0103-11042022E307. Acesso em: 5 jun. 2025.

BARROS, M. M. S.; NOGUEIRA, L. M.; ALMEIDA, R. T. Práticas de mindfulness com adolescentes em ambiente escolar: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 36, e361223, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Saúde*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, F. J. F. *Disfarces do medo: da desinformação aos equívocos sobre drogas*. Curitiba: Lumus (Brazil Publishing), 2021. Acesso em: 5 maio 2024.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: possibilidades da EaD na formação continuada de professores. *EaD em Foco*, v. 7, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v7i2.577>. Acesso em: 11 maio 2024.

COELHO, F. J. F.; SANTOS, G. S.; SILVA, M. L. da. A pedagogia redutora de danos nas abordagens sobre álcool, medicamento e outras drogas na escola: aportes teóricos para a orientação educacional. *REVASF*, Petrolina, v. 13, n. 32, p. xx-xx, dez. 2023. Acesso em: 5 maio 2024.

CORRÊA, I. L.; SILVA, J. P. da; BOUSFIELD, A. B. S.; GIACOMOZZI, A. I. Representações sociais das drogas para adolescentes com e sem experiência de uso. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A2>. Acesso em: 15 jun. 2025.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Revista Psicologia e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 4 jun. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 29 maio 2024.

FARIAS, I. C. V. et al. Análise da intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 261-267, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01062014>

FIGUEIRÊDO, M. do A. C. de; SILVA, J. R. da; NASCIMENTO, E. de S.; SOUZA, V. de. Metodologia de oficina pedagógica: uma experiência de extensão com crianças e

adolescentes. *Revista Eletrônica Extensão Cidadã*, João Pessoa, v. 2, 1 jul. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/extensaocidada/article/view/1349>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FIGUEIREDO, R. Discursos e estratégias na prevenção às drogas na educação. In: FIGUEIREDO, R. et al. *Drogas & sociedade contemporânea: perspectivas para além do proibicionismo*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2017. Disponível em: https://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/publicacoes/drogas_soc_contemp_is_2017.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

GUSTAVSON, M.; LAZZAROTTO, R. L. A música e o cuidado: contribuições no campo da educação e saúde. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 145-156, 2021.

JENKINS, E. K.; SLEMON, A.; HAINES-SAAH, R. J. Developing harm reduction in the context of youth substance use: insights from a multi-site qualitative analysis of young people's harm minimization strategies. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12954-017-0180-z>. Acesso em: 15 jun. 2025.

KABAT-ZINN, J. *Meditação como medicina: mindfulness na vida e na saúde*. São Paulo: Palas Athena, 2017.

KNEVITZ, M. F.; BÉRIA, J. U.; SCHERMANN, L. B. Educação preventiva ao abuso de drogas em escolas públicas num município do sul do Brasil. *HOLOS*, v. 3, p. 240–251, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2018.4896>.

KROEFF, R. F. da S.; SILVA, C. A. B. da; MARASCHIN, C. Oficinas como estratégia metodológica de pesquisa-intervenção em processos envolvendo videogames. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 27 set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41671>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; MOCHELI, D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para atuação do educador. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022015011670>.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 1 set. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 29 maio 2024.

NOGUEIRA, L. T.; SOUSA, A. M. C. de; PORTELA, M. V. V. Prevenção do consumo de drogas entre escolares: relatos mediados pela extensão universitária. *SANARE – Revista de Políticas Públicas*, Sobral, v. 17, n. 2, p. 1-9, 2018. DOI: <https://doi.org/10.36925/sanare.v17i2.1267>.

OLIVEIRA, C. A.; ANDRADE, R.; SILVA, E. A. Danças circulares como prática integrativa no SUS: efeitos na saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 791-800, 2022.

SILVA, L. T. da et al. Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola: estudo de caso de um município de Minas Gerais, Brasil. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 29, e230431, 2025. DOI: 10.1590/interface.230431. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.230431>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SOARES, Z. M.; SANTOS, N. R. Educação sobre drogas como projeto de intervenção no estágio. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 16, p. e8896, 2021. DOI: 10.7867/1809-0354202116e8896. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8896>. Acesso em: 28 jul. 2024.


SODELLI, M. Redução de danos e educação. *Boletim Eletrônico*, Curitiba, v. 21, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/boletimeletronico/article/view/77609>. Acesso em: 15 jun. 2025.


TAVARES, B.; BÉRIA, J.; LIMA, M. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 151-159, abr. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102001000200008>.


UNESCO. *International technical guidance on sexuality education: an evidence-informed approach for schools, teachers and health educators*. Paris: UNESCO, 2018.


VEARRIER, L.; BIOETHICS, D. The value of harm reduction for injection drug use: a clinical and public health ethics analysis. *Disease-a-Month*, v. 65, n. 5, p. 119-141, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.disamonth.2018.12.002>. Acesso em: 5 maio 2025.

Credenciais da/os autora/es

Victória Maria Freitas Pedrosa. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde (UFC), graduada em Psicologia (UFC), Especialista em Saúde Mental (UVA/ESPVS).  Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7467-6973> E-mail: vicmaripedrosa16@gmail.com


Maria Vitória Silva Ripardo. Docente na Faculdade de Sobral (FaSol). Graduada em Psicologia (UFC). Especialista em Saúde Mental (ESP-VS).  Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7854-3027> E-mail: vitoriaripardoms@gmail.com


José Wellington Moraes Damaceno. Graduado em Educação Física (UVA). Especialista em Saúde da Família (ESP-VS)  Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-7255-7936>. E-mail: wellingtondam@gmail.com

Lorena Saraiva Viana. Docente Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia (ESP-VS). Graduada em Enfermagem (UVA). Mestre em Saúde da Família (UFC).  Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1496-5164>. E-mail: lorennasaraiva0@gmail.com

Victória Maria Freitas Pedrosa, Maria Vitória Silva Ripardo, José Wellington Moraes Damaceno, Lorena Saraiva Viana, Claudine Carneiro Aguiar & Danyela dos Santos Lima

Claudine Carneiro Aguiar. Graduada em Terapia Ocupacional(UNIFOR).Mestre em Ensino na Saúde (UECE). Bolsista FIOCRUZ - Brasília.

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7679-1564> E-mail: claudinecaguiar72@gmail.com

Danyela dos Santos Lima. Docente Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia (ESP-VS). Graduada em Enfermagem (UVA). Mestre em Saúde da Família (UVA).  Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4677-5656> E-mail: danyelaenf@gmail.com.

Endereço para correspondência: Victória Maria Freitas Pedrosa. Rua Anahid Andrade, n. 772, Centro 62011000, Sobral/Ceará. E-mail: vicmaripedrosa16@gmail.com

Recebido: 30/09/2025.

Aceito: 15/10/2025.